



A Umbanda em Morrinhos (GO): reflexões sobre as condições de existência e permanência dos terreiros em uma cidade do interior de Goiás

Augusto Cesar Carlos Amaral de Moura
Universidade Estadual de Goiás
garotoestudantil2009@gmail.com

André Luiz Caes
Universidade Estadual de Goiás
andreluizcaes@gmail.com

Resumo: A Umbanda, desde o seu surgimento em 1908 (data tradicionalmente aceita para o início das atividades da nova religião), se tornou objeto de estudos acadêmicos e também de polêmicas sociais envolvendo questionamentos sobre os rituais e práticas da religião ou mesmo pelo fato de ser vítima de manifestações de intolerância e preconceito. Recentemente, dentro do contexto da expansão das igrejas neopentecostais no Brasil, a Umbanda voltou a ser alvo de ações de intolerância e perseguição, mesmo com a garantia constitucional de liberdade religiosa e da proibição legal contra atos de preconceito e intolerância entre as religiões. Diante desse cenário emergiu a perspectiva de estudar a Umbanda como uma específica manifestação religiosa brasileira e, particularmente, compreendê-la dentro do contexto da religiosidade na cidade de Morrinhos (GO), constituindo assim um estudo de caso. A pesquisa inicial mostrou que a religião vem sendo estudada academicamente desde o início de suas atividades, recebendo abordagens dos campos da História, da Antropologia, das Ciências Sociais, da Psicologia, etc., nas quais os mais diversos aspectos de sua história são analisados e estudados. Estudos regionalizados e estudos de caso também fazem parte dessa ampla bibliografia que já foi produzida sobre a Umbanda, mostrando sua inserção em todas as regiões do Brasil e identificando suas especificidades regionais e locais.

Palavras-chave: Umbanda. Morrinhos (GO). Religião. Sociedade.

Introdução

A Umbanda é uma religião brasileira surgida em 1908 (data tradicionalmente aceita para o início das atividades da nova religião), que sintetiza vários elementos das religiões de origens africanas, indígenas e cristãs, assim como tem por base a doutrina espírita kardecista. Embora seja considerada uma religião relativamente nova, suas vertentes remetem a culturas indígenas e africanas, o que lhe confere certos fundamentos de ancestralidade.

Nesse sentido, a discussão sobre o seu surgimento propriamente dito, tornou-se objeto de estudos acadêmicos suscitando entre os teóricos concordâncias e discordâncias, assim como é motivo também, de debates relacionados às questões ritualísticas e às práticas da religião, associando essas manifestações a questões de intolerância e preconceito.



Com o avanço, dentro do contexto de expansão das igrejas neopentecostais, observa-se paralelamente um aumento significativo de intolerância e discriminação religiosa. Por outro lado, é assegurado pelo direito constitucional¹ a liberdade religiosa e a proibição legal contra atos de preconceito e intolerância entre as religiões. (CAES, 2019).

Sendo o Brasil marcado por sua grande diversidade social, cultural e religiosa, fruto de uma mistura de etnias em que recebeu contribuições dos europeus, africanos, indígenas e asiáticos, tal pluralidade pode ser observada na população, na música, na religião e em muitos outros aspectos.

Assim, somado ao fato da própria religião Umbanda ser caracterizada por uma grande diversidade de elementos ritualísticos e culturais, os terreiros espalhados ao longo de todo o território nacional dispõem de numerosos elementos encontrados em religiões diversas que lhes concedem, portanto, uma característica particular em seus rituais.

Diante desse cenário, emergiu a perspectiva de estudar a Umbanda como uma específica manifestação religiosa brasileira e, particularmente, compreendê-la dentro do contexto da religiosidade na cidade de Morrinhos (GO), constituindo assim um estudo de caso.

A pesquisa inicial de bibliografias sobre a Umbanda mostrou que a religião vem sendo estudada academicamente desde o início de suas atividades, recebendo abordagens dos campos da História, da Antropologia, das Ciências Sociais, da Psicologia, etc., nas quais os mais diversos aspectos de sua história, de sua participação no campo religioso brasileiro e de suas crenças, rituais e práticas são estudados e analisados.

Estudos regionalizados e estudos de caso também fazem parte dessa ampla bibliografia que já foi produzida sobre a Umbanda, mostrando sua inserção em todas as regiões do Brasil e identificando suas especificidades regionais e locais.

Dentro dos estudos acadêmicos e artigos pesquisados, destacam-se vários tipos de tabus para com a Umbanda, sendo esta acusada principalmente de charlatanismo e curandeirismo. Tais estigmas, classificam a Umbanda como uma religião demonizada, acusada de práticas de magia negra e de servirem ao mal. O estereótipo construído em relação aos umbandistas como praticantes de bruxaria é muitas vezes presente, devido à falta de conhecimento por parte da população sobre esta religião brasileira e pela grande influência por parte de alguns veículos de

¹ A Constituição Federal, no artigo 5º, VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias. O DIREITO DE RELIGIÃO NO BRASIL. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo5.htm>. Acesso em: 25/05/2019.



comunicação, que promovem a infâmia sobre a mesma, onde estes veículos são controlados em grande parte por crenças radicais.

Esses estigmas provocam discursos de demonização das religiões negras, o que fomenta o preconceito e a marginalização dessas religiosidades, acarretando sua invisibilização nas paisagens urbanas. (BONIFÁCIO, 2017).

A partir dessas perspectivas nos propusemos realizar uma pesquisa sobre a Umbanda na cidade de Morrinhos, interior de Goiás, na qual essa religião ainda sofre com os estigmas e incompreensão que caracterizaram a história dessa religião no Brasil, sendo seus templos em geral desconhecidos ou ignorados pela maior parte da população e seus adeptos limitados aos praticantes mais assíduos, mesmo que as casas sejam ocasionalmente frequentadas por um número maior de pessoas do que as que se declaram umbandistas.

Entendemos, portanto, que esta proposta de pesquisa constitui uma contribuição para esse campo de estudos que está em parte direcionado para a compreensão da diversidade das experiências umbandistas dentro do território brasileiro, neste caso, uma contribuição também necessária para o entendimento da presença da Umbanda em Goiás.

Em face disso, o presente artigo busca a compreensão da inserção dessa religião no contexto de uma cidade mediana do interior, a partir de estudo comparativo com outras abordagens já realizadas sobre a história e a presença da Umbanda em outras regiões e cidades do Brasil. Assim, nossa pesquisa se concentrará em duas frentes: a pesquisa bibliográfica e a produção de documentos orais por meio de entrevistas com os participantes e lideranças dos terreiros em Morrinhos.

Breve aporte teórico

O Brasil contemporâneo é cada vez mais um país multirreligioso. De acordo com o Censo 2010² do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há no país seguidores da fé católica, evangélica, espírita, do candomblé, umbanda, judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo e tradições indígenas, entre outras. Dentro desse contexto, ainda analisando este censo,

² Dados de 2010 (Censo do IBGE): - Católica Apostólica Romana: 64,6% - Evangélicas: 22,2% - Espírita: 2% - Umbanda e Candomblé: 0,3% - Sem religião 8% - Outras religiosidades: 2,7% - Não sabe / não declarou: 0,1%.



observa-se que a Igreja Católica vem apresentando perdas de sua hegemonia, e por outro lado, um aumento maior de evangélicos, considerando uma diversificação religiosa.

Tais modificações tem afetado também, as manifestações religiosas no Brasil que tem origem na matriz africana. Segundo Léo Carrer Nogueira:

Por religiões de matriz africana ou religiões afro-brasileiras entendemos um conjunto de práticas religiosas, de origem negra, que têm em comum o fato de agregarem em seus cultos elementos de religiões diversas, ao lado de práticas herdadas de nossos antepassados africanos, misturados de várias maneiras, resultando em um mosaico de infinitas possibilidades e variáveis. Entre as religiões mais conhecidas temos a Pajelança, o Catimbó, o Candomblé, a Macumba³ e a Umbanda. (NOGUEIRA, 2008)

A pluralidade religiosa é uma característica marcante em nosso país, e, nunca houve como agora, tanta diversidade de correntes religiosas. Se por um lado se expande o multiculturalismo religioso, por outro, aumenta a prática de intolerância por parte das pessoas de algumas crenças, principalmente aquelas com características fundamentalistas. Apesar de ser garantido pela Constituição Federal o direito à liberdade de credo e manifestações religiosas, praticantes da Umbanda e Candomblé constituem-se como as principais vítimas do preconceito – lidam com ofensas e agressões de diversas naturezas.

Ao se tratar da Umbanda, nosso objeto de estudo, não se pode negar que a mesma foi cruelmente perseguida através da história. Fruto de um poderoso sincretismo, “surgida” em 1908⁴, e mesmo após 100 anos de seu nascedouro, ainda carrega o preconceito arraigado em seu bojo como uma religião subalterna.

A falta de conhecimento e esclarecimento, além da difusão de ideias incorretas por certas lideranças religiosas, leva muitas pessoas a interpretarem a doutrina umbandista como uma religião do demônio, onde se pratica a magia negra e que serve ao mal. Esses estigmas são construídos a partir da resistência destas pessoas em buscar conhecer fidedignamente os valores e ensinamentos dessa religião afro-brasileira. Nesse sentido, a falta de instrução e conhecimentos a respeito da sua historicidade, práticas, rituais e outras informações ficam comprometidas e criam-se empecilhos para retirar o rótulo da religião Umbanda como ligada à feitiçaria e ao mal.

³ Consideramos Macumba como o resultado de uma terceira fase do processo sincrético que resultou na constituição da Umbanda. Precedida em uma sucessão, pelos Calundus, pela Cabula, a Macumba e pôr fim a Umbanda (COSTA, 2013).

⁴ A Umbanda nasceu oficialmente em 1908, no Rio de Janeiro, fundada pelo médium Pai Zélio de Moraes, e tem como fundador espiritual o Caboclo das Sete Encruzilhadas.



Segundo Caes, a legitimação da Umbanda como religião e sua proteção como manifestação religiosa e cultural não depende apenas dos líderes dos terreiros;

Embora a atuação dos Pais e Mães de Santo e seus terreiros tenha sido essencial na construção e difusão do imaginário e das crenças que fundamentam a Umbanda, estes por si sós não tinham condições de reivindicar diante do poder público sua descriminalização e sua legitimação social e cultural. (CAES, 2019)

Caes ainda ressalta que, no processo de crescimento da Umbanda e sua adesão em todo o Brasil, houve apenas a conquista parcial de uma organização que pudesse incluir os templos e defender a religião:

O crescimento da religião por todas as classes sociais, ao mesmo tempo que aumenta a aceitação cultural, social e religiosa da Umbanda, também recoloca os problemas das diferenças nos rituais, da falta de padronização e de doutrina comum, da diversidade de Umbandas praticadas e da dificuldade de interação entre os chefes de terreiros (pais-de-santo e mães-de-santo) mais simples e localizados nas periferias com as instituições organizativas e intelectuais da Umbanda (CAES, 2019)

O autor analisa que embora existam problemas exteriores ao processo de aceitação e legitimação da Umbanda – os problemas causados pelas perseguições e difamações –, a mesma presença a falta de padronização e de uma doutrina comum em seu interior. No que se refere a padronização destes rituais, houve, em outras tentativas, a busca pela unificação dos terreiros brasileiros, o que não obteve sucesso. Em face disso, os terreiros espalhados ao longo do território nacional configuram-se como particulares, cada qual com as características que lhes são próprias, mesmo que o ritual tenha muitos pontos em comum.

Diante deste cenário de multiplicação da diversidade religiosa, com destaque para a ampliação das divisões dentro do cristianismo, o mercado religioso torna-se cada vez mais favorável ao surgimento e consolidação de novas igrejas que disputam o mesmo espaço social que os terreiros, estes quase sempre vítimas por estarem enfraquecidos pela falta de um modelo com poder centralizador.

Durante a maior parte da história do Brasil houve a hegemonia do catolicismo, que perdurou até meados do século XX. Todavia, com o passar do tempo, mudanças significativas foram acontecendo no campo religioso brasileiro. Com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação foram introduzidos símbolos e crenças de outras religiões no “mercado religioso”. Nesse sentido, o cenário religioso tem-se acirrado em uma disputa pela supremacia por parte dos segmentos católicos e evangélicos, preeminente, o neopentecostalismo.



Aliado a este fato, é de conhecimento que as religiões de matriz africana sempre ocuparam – com poucas exceções – um lugar marginal na sociedade e que a ascensão das novas igrejas contribuiu significativamente para maiores casos de desrespeito em relação às crenças afro-brasileiras. A visão demoníaca das religiões afro-brasileiras e o discurso preconceituoso, particularmente sobre a Umbanda, é propagado pelo neopentecostalismo, especialmente pela Igreja Universal do Reino de Deus (embora este assunto não seja nosso propósito aqui). Segundo Bezerra e Rodrigues, a difusão e ampliação dessa construção de signos negativos em relação a essa temática é proporcionada pela mídia.

O agravamento desta situação ocorre, justamente pela composição de vários elementos, entre eles, o fato das religiões afro-brasileiras serem minorias e, portanto, possuírem menor poder político de barganha frente à guerra por votos e audiência; possuírem menor poder aquisitivo (político e econômico) que os neopentecostais e católicos, até pela própria característica menos proselitista e, principalmente, o resultado desse histórico de preconceitos contra essas religiões. (BEZERRA e RODRIGUES, 2006)

No que se refere à presença de diferentes segmentos religiosos nos espaços urbanos, essa problemática não se configura de forma diferente. Embora fortemente influenciada pela mídia, a segregação e a subalternização de grupos sociorreligiosos tem suas raízes na formação do território. Assim, Bonifácio faz uma reflexão sobre as espacialidades urbanas;

Cada religião apropria-se e interage com o espaço de modo particular, possuindo elementos marcadores e representações nas paisagens que estão ligadas às suas trajetórias históricas na sociedade. As religiões cristãs, por serem dominantes, possuem grande visibilidade no urbano, o que é expresso pela monumentalidade de seus templos e edificações, enquanto as religiões de matriz africana estão ocultas ou caracterizadas de forma discreta nas paisagens urbanas. Os estigmas e invisibilização sofridos pelas religiões de matriz africana no Brasil, dentre elas a Umbanda e o Candomblé, são resultado de um processo histórico de perseguições adotado em um sistema colonial-cristão-europeu, que forçou essas religiões, a adotarem posições marginalizadas. (BONIFÁCIO, 2017)

Segundo Bonifácio (2017, p. 179) “[...] existem grupos religiosos hegemônicos (que são os de base cristã) e grupos subalternizados e marginalizados (como é o caso das religiões de matriz africana)”. Assim, a reflexão sobre essa noção de segregação sociorreligiosa, e a necessidade da religião Umbanda em buscar sua identidade e localização no espaço urbano é concomitantemente associada ao processo da sua própria perseguição e resistência.



O caso em estudo

Embora não disponhamos de dados mais precisos sobre um mapeamento de terreiros de Umbanda em Goiás, verifica-se, que, de acordo com o último recenseamento realizado pelo IBGE em 2010⁵, Goiás é o 8º estado com mais adeptos dessa manifestação religiosa. No município de Morrinhos, interior de Goiás, ainda segundo o censo, constatou-se que existem 77 pessoas que se declaram umbandistas. Tal número traz consigo controvérsias, afinal, muitos frequentadores das comunidades da umbanda não se declaram abertamente pertencentes a essa religião, seja por medo da repressão e/ou do preconceito.

Ao realizarmos entrevistas com líderes e frequentadores dos terreiros em Morrinhos, notamos que esse número é bem maior. Segundo dados dos próprios frequentadores, em dias de funcionamento, somente a casa Pai Joaquin de Aruanda recebe um público de 40 a 60 visitantes, onde este mesmo público é muito rotativo. Nesse sentido, nota-se que pode haver um significativo aumento dos adeptos da Umbanda do ano de 2010 aos dias atuais.

A imprecisão do número exato das pessoas que frequentam os terreiros, certamente não é um fato isolado. Essa imprecisão é ainda observada no próprio número de casas que funcionam para a realização dos trabalhos espirituais – não existe um número que possa ser considerado exato de terreiros em Morrinhos. Essa problemática é, entre outros motivos, resultado de uma própria condição da religião Umbanda como já supracitado: a falta de um modelo padronizador que traga maior organização.

A autonomia dos terreiros, seja em seus próprios rituais ou na própria condição de se constituir como tal, aliado ao fato que, embora exista hoje a Federação Brasileira de Umbanda, órgão responsável por legalizar os templos e emitir alvará de funcionamento, as tendas de umbanda possuem certa liberdade para se estabelecer. Em outras palavras, essa autonomia dificulta a busca pelo número de casas que trabalham com essa religião afro-brasileira.

Outro problema presente nessa imprecisão é a própria característica de ocultação das casas em Morrinhos. Se algum interessado buscar em um site de pesquisas dificilmente encontrará a localização de alguma casa em funcionamento. Isso se dá devido à “camuflagem” das mesmas. Quando existe alguma, não há uma identificação precisa de que ali funciona uma casa de Umbanda. Normalmente, não existe nenhuma evidência, seja alguma placa, um pôster

⁵ FONTE: IBGE, Censo 2010, Tabela 2094. <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2012/06/30/o-censo-demografico-brasileiro-2010-e-os-umbandistas-parte-01/> Acesso em: 06/06/2019.



ou algum cartaz que descreva o lugar referido. Quando existe alguma indicação, ela é, de certa forma, encoberta: “Templo Espirita” ou “Centro Espirita”.

Essa facilidade para se constituir um terreiro ou tenda, permite qual seja a pessoa que tenha um desenvolvimento mediúnico e que trabalhe com as entidades, a condição necessária para realizar os trabalhos e eventualmente fixar-se em um local para atender as pessoas. Tal fato, dificulta, também, a localização dos terreiros que se encontram pela cidade de Morrinhos. Nesse sentido, o próprio líder espiritual pode praticar os rituais abertamente ao público ou não. Quando não é, muitas vezes, realizado somente a um grupo fechado.

Por outro lado, considerando a trajetória sócio histórica da Umbanda como uma religião marginalizada e subalternizada, sua configuração no espaço territorial é, sobretudo, relacionada com a parte inferior das cidades. As camadas sociais mais elevadas ficam com as melhores porções de terra, que são as mais bem localizadas e com melhor infraestrutura, enquanto as populações mais carentes são levadas para áreas mais distantes e desassistidas em infraestrutura. (BONIFÁCIO, 2017)

Em Morrinhos, nosso objeto de estudo, a participação da população que frequenta os terreiros não se limita apenas a essa parcela dos mais necessitados. Embora seja uma característica própria e fundamental da Umbanda, a caridade é oferecida a todos, sem discriminação de credo, raça e classe social. Em face disso, observa-se uma grande presença da classe média nas casas de Umbanda em Morrinhos. Esse crescente número de visitantes é proporcionado pela curiosidade da grande maioria, mas hoje também é abordada por estudos acadêmicos das mais variadas áreas, seja para estudos científicos ou conhecimentos próprios.

Ainda assim, a presença desses indivíduos que dividem espaços distintos no município, interfere diretamente na vida da sociedade. O encontro entre diferentes religiões e camadas sociais, provoca um debate sobre os conceitos e as representações sociais e culturais, constituindo assim um campo aberto a reinterpretar e identificando as dificuldades dos terreiros e suas condições de existência e permanência no meio urbano.

Essa interação tende a ser benéfica entre os próprios participantes e também para a cidade. A busca pelo diferente daquilo que lhe é singular, reflete em sua mentalidade e se expressa em movimentos que ressignificam seus conceitos, auxiliando a construir uma sociedade em que exista o respeito entre as religiões, além de transformar e melhorar a realidade, contribuindo também para uma maior visibilidade das religiões afro-brasileiras.



Essa característica da Umbanda como uma religião que recebe a todos, tem grande importância em meio a comunidade. O papel desempenhado pelas casas que prestam, tanto serviços comunitários quanto espirituais, são extremamente importantes para aqueles que a procuram em busca de tratar alguma enfermidade ou algum tipo de tratamento espiritual, propriamente dito.

Ao conversar com diferentes frequentadores, pais de santos, médiuns, zeladores e mesmo assistentes, nota-se que os terreiros são mais do que um lugar para se cultivar os orixás e entidades. É ali que muitos buscam um auxílio espiritual, seja por causa de desemprego, uma assistência financeira, a busca pelo matrimônio, buscam tratamento para o corpo, alma e mente. Seja porque perdeu algum ente familiar ou viveu término de relacionamentos etc. Em geral, sempre em dificuldades.

O primeiro terreiro visitado⁶, que ainda não é um terreiro propriamente dito, pois não é legalizado e não tem nenhuma indicação externa, funciona no quintal da casa da Mãe de Santo em uma área reservada mais ao fundo. Localizado em um bairro de classe média, o local não faz propagandas de suas giras. Considerado um ritual próprio de Umbanda, com cânticos (pontos de Umbanda), uso de atabaques, com imagens de santos, com o altar (congá) e incensos, o terreiro é admirado pela maioria de seus frequentadores como um lugar agradável e pacífico.

Ao frequentar as giras nesse terreiro, percebemos que o público que visita o local é muito rotativo, embora exista aqueles que se mantem fixos na frequência. Esse público é basicamente dividido entre os médiuns e aqueles que os auxiliam (os cambones)⁷, assim como também existe a presença daqueles que visitam a casa seja por curiosidade e outros em busca de consultas espirituais. Por ser esse público muito rotativo, o espaço é dividido por doutores, professores, acadêmicos, trabalhadores, curiosos, indivíduos que querem desenvolver a mediunidade, outros que visitam pela fé, etc.

Ao dialogarmos com o zelador (Entrevista 1, 2019) da casa, ele nos expôs alguns motivos que levam as pessoas a buscar as entidades. Dentre várias razões, destaca-se: as dificuldades em relacionamentos amorosos ou familiares; dificuldades econômicas; questões legais que estão paradas e a pessoa deseja desenrolar; sensação de estar sendo sugada

⁶ Por ainda não termos a autorização específica do Conselho de Ética, deixamos essa informação em sigilo neste artigo. Mas temos o registro das visitas como documento.

⁷ Basicamente, o Cambone é a pessoa responsável por assessorar o guia-espiritual durante as consultas e também ao médium, ajudando-o a arrumar seu ponto de trabalho e providenciando os apetrechos e ferramentas que o guia-espiritual geralmente necessita.



energeticamente e precisa de limpeza e recuperação de energia e a necessidade de aconselhamento para tomar decisões, ou seja, há muitas motivações para a procura da Gira.

Em relação à diversidade de pessoas que frequentam essa casa e pelos mais variados motivos, há ainda uma preferência pelas giras de esquerda. Tal fato se observa pela grande procura por soluções de problemas afetivos. Todavia, essa preferência não é exagerada. É possível perceber também, que há pessoas que preferem as entidades da direita, talvez pelos preconceitos que ainda existem em relação a Exus e Pomba-giras.

Como bandeira da Umbanda de receber a todas as classes sociais, esse terreiro é predominantemente habitado por pessoas da classe média, mas também recebe pessoas de classes mais baixas, quando estas ficam sabendo do dia e local das giras. Entretanto, as pessoas não são convidadas nem convencidas a se “converter” à religião, o que permite ao ambiente a convivência de pessoas de diferentes classes, profissões e credos. Segundo palavras do zelador: “O objetivo principal da Umbanda é auxiliar as pessoas a resolver seus problemas cotidianos com sabedoria, para alcançar uma vida melhor e mais harmônica. Então seus rituais podem ser utilizados por todos que não tenham preconceito” (Entrevista 1, 2019).

Outra entrevista realizada foi com um frequentador (Entrevista 2, 2019) da Casa Pai Joaquim de Aruanda. Desta vez, o local é um terreiro próprio e conhecido na cidade de Morrinhos. Com uso de atabaques e instrumentos musicais, com elementos e imagens de santos, orixás, caboclos, representações dos baianos e roupas específicas (roupas brancas nas giras de direita e vermelho e preto nas de esquerda), os rituais são, também, tradicionais. Com um público de 40 a 60 pessoas que visita o terreiro em busca de atendimento, também se vale de um público muito rotativo, onde sempre há alguém novo, alguma pessoa que visita o mesmo pela primeira vez. Os motivos que levam ao terreiro, são normalmente comuns: situações difíceis; dificuldades emocionais; físicas; financeiras; mudanças de carreira, etc.

Por outro lado, esse interesse por essa Casa se dava, além disso, devido aos trabalhos realizados pela mesma. Havia os trabalhos internos, que ocorriam entre os médiuns duas vezes na semana, que era o desenvolvimento mediúnico, sendo um dia desses dedicado apenas para estudo. Ademais, havia os trabalhos externos: banhos de cachoeira, passeios, visitas e entregas no cemitério (calunga), nas encruzilhadas, entre outros. As giras eram realizadas na segunda-feira, na qual trabalhava com os pretos velhos; na quarta-feira, os baianos; na sexta-feira intercalava, em uma era os caboclos e em outra era gira de esquerda.



A colocação dos verbos no passado é resultado da condição em que se encontra a Casa Pai Joaquim de Aruanda atualmente. Nos dias atuais, a casa não está em funcionamento ou não é mais aberta ao público, pois o Pai de Santo ainda continua com as atividades, embora somente entre a família. Segundo o entrevistado (Entrevista 2, 2019), não se sabe ao certo o motivo real do fechamento da mesma. Para ele, foi um acontecimento natural, na qual as pessoas foram se afastando, onde acredita-se que pode ter sido até os próprios guias devido ao trabalho espiritual que a casa estava desempenhando.

Todavia, enquanto ativa, a Casa recebia um público bem diversificado. De acordo com o entrevistado as pessoas que chegavam ao terreiro, chegavam muitas vezes com uma ideia ou uma imagem já formada sobre a Umbanda, quase sempre pejorativa. Geralmente essas pessoas iam nas giras no intuito de realizar os desejos de um relacionamento, buscar a atenção da pessoa que ela/ele gostava, a famosa amarração.

Essa concepção das atividades ofertadas pela Umbanda é derivada da visão preconceituosa divulgada pelos que se opõem e são intolerantes com a religião, mas, se isso era comum por parte das pessoas que chegavam no terreiro pela primeira vez, era posteriormente desfeita essa ideia devido ao conhecimento que era adquirido. A imagem negativa produzida sobre os terreiros era eliminada ali, já na primeira visita, onde as pessoas que desconheciam os rituais e toda a prática religiosa, ficavam impressionadas com aquilo que pensavam ser totalmente diferentes no seu imaginário.

Os dois entrevistados disseram ter informações sobre a existência de outras casas de Umbanda em Morrinhos, mas que não tinham procurado conhecer mais de perto. De qualquer forma, essas casas também tinham por característica, segundo os mesmos, não fazer nenhuma divulgação dos trabalhos e nem se caracterizavam como templos de fato. Todas aconteciam juntamente com as próprias residências dos líderes ou em anexos próximos, mas sem indicações mais explícitas.

Considerações finais

No transcorrer do trabalho até aqui desenvolvido, foi realizada uma apresentação das reflexões sobre as condições de existência e permanência dos terreiros de Umbanda em uma cidade do interior de Goiás. Assim, no decorrer desta pesquisa, procurei demonstrar os elementos que contribuem para a presença e inserção dessa religião na cidade de Morrinhos.



Buscando uma maior reflexão trouxemos um sucinto aporte teórico para enriquecer a pesquisa relacionada a este tema.

Para que o trabalho não se limitasse à teoria, buscou-se, além da bibliografia lida, entrevistas com líderes e frequentadores dos terreiros da cidade de Morrinhos. Podendo assim, a partir dessas condições, chegarmos em algumas conclusões: a Umbanda como uma religião afro-brasileira, ela existe em Morrinhos, embora uma parte do grupo de seus participantes não se declararem de fato pertencentes a essa manifestação religiosa; as casas ou terreiros como seja chamado o local de trabalho, são, na maioria das vezes desconhecidas ou disfarçadas. Como característica sócio histórica da Umbanda em ser uma religião periférica, encontramos em Morrinhos os dois terreiros em áreas de classe média, mas soubemos da existência de outros em áreas mais carentes. Seus participantes não se limitam apenas aos mais necessitados, variando em um público muito rotativo de diferentes posições sociais.

Os terreiros em geral realizam diversos trabalhos externos e internos. Essa característica própria da Umbanda como caridosa e acolhedora, leva dezenas de pessoas a procurarem os orixás e entidades para tratar alguma enfermidade, alguma dificuldade ou mesmo uma necessidade que lhes convém. A interação proporcionada entre os mais variados setores que visitam os terreiros oferece um campo aberto a diálogos que tendem a ser benéficos para a existência da Umbanda como um todo.

Assim, a pesquisa feita procurou analisar um pouco do cotidiano dos templos de Umbanda e dos umbandistas na cidade de Morrinhos, buscando uma descrição boa das características particulares da atuação dos templos visitados, assim como a compreensão dos desafios que se apresentam à prática da Umbanda na sociedade atual, especificamente em uma cidade interiorana do Estado de Goiás.

Percebemos, com a participação nas Giras e a observação dos rituais e dos atendimentos, assim como com as entrevistas citadas, que a Umbanda permanece viva na cidade, mas que precisa manter certa invisibilidade, talvez para não se tornar alvo de algum tipo de intolerância. Ao permanecer nessa situação quase invisível, possibilita que pessoas de diversas igrejas diferentes frequentem as casas sem medo de serem julgadas por estarem buscando auxílio numa religião que não é a própria.

Se esse fato mostra, por um lado, o preconceito que ainda existe e a visão errônea que predomina, por outro confirma a condição da Umbanda, defendida em toda a sua história, de ser uma religião sem preconceitos, sem barreiras de raça, classe social e crença, além de ser, no



inconsciente das pessoas, uma alternativa positiva para a solução de problemas que não são apenas de natureza religiosa.

Essa característica da Umbanda é, talvez, sua maior referência como religião.

Referências

BEZERRA, Edvania Kehrle; RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões africanas na televisão brasileira.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, 2016.

BONIFÁCIO, Welberg Vinicius Gomes. A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas. *Produção Acadêmica*, v. 3, p. 134-147, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/>> Acesso em: 18 jun. 2019.

CAES, André Luiz. **Umbanda: história, mistério, magia.** 160 páginas. Manuscrito. Texto enviado para publicação. 2019.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tese. Goiânia. 2013.

Entrevista 1, março de 2019.

Entrevista 2, março de 2019.

LOPES, Rodrigo Barbosa. **Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **As Várias Faces da Umbanda em Goiânia.** In: I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História - UFG/UCG, 2008, Goiânia-GO. Anais. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2008. v. 1.